

OS RISCOS DO USO DE CONTRACEPTIVOS ORAIS, COM FOCO NA TROMBOSE: UMA REVISÃO LITERÁRIA

Ariana Carneiro de Sousa Batista¹; Adrielly Oliveira Mateus¹

¹Acadêmicas do curso de Medicina da Universidade de Gurupi (UnirG), campus Paraíso do Tocantins, TO.

DOI: 10.47094/IICOLUBRAIS2022/61

PALAVRAS-CHAVE: Coagulação. Anticoncepcional. Efeitos dos fármacos.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da mulher.

INTRODUÇÃO

O contraceptivo oral, na atualidade, é um dos métodos mais utilizados para prevenir a ocorrência de uma gravidez indesejada. Por volta do século XX, período no qual foi criado, o anticoncepcional era indicado somente em casos de pacientes com distúrbios no ciclo menstrual e, apenas no ano de 1960, passou a ser prescrito com finalidade contraceptiva. Por um lado, o seu uso está relacionado a benefícios, como a diminuição da suscetibilidade a casos de endometriose, câncer e cistos ovarianos. Já por outra perspectiva, o anticoncepcional pode desencadear inúmeros malefícios à saúde feminina, a exemplo do aumento do risco de doenças cardiovasculares e, principalmente, da trombose (FERREIRA et al, 2019).

A trombose é uma doença multifatorial, tendo sua origem associada a diversos fatores, como idade, obesidade e uso de anticoncepcionais (SAÚDE, 2019). Conforme Lima et al (2017), o hormônio estrogênio provoca mudanças importantes na fisiologia da coagulação, aumentando a disponibilidade de trombina e fatores de coagulação, além de reduzir os que a inibe naturalmente.

Diante dos tópicos abordados, pode-se afirmar que a presente pesquisa visa ao estudo dos malefícios do uso de contraceptivos orais ao organismo feminino, com foco no desenvolvimento de casos de trombose, a fim de compreender a relação entre a patologia do sistema cardiovascular e o uso das pílulas anticoncepcionais. Portanto, resumidamente, a pesquisa tem como objetivo contribuir para o acervo científico sobre a saúde da mulher, servindo de fonte para qualificação de profissionais da saúde e conscientização feminina sobre os efeitos do método contraceptivo em suas vidas.

METODOLOGIA

Realizou-se uma revisão literária com base em material já publicado, baseada em evidências sobre os malefícios associados ao uso de contraceptivos orais, com foco na trombose. As referências da pesquisa foram buscadas nos bancos de dados Google Acadêmico, Scielo e PubMed e utilizou as seguintes palavras-chave: coagulação, anticoncepcional e efeitos dos fármacos. Os artigos foram filtrados de acordo com os seguintes critérios de inclusão: I) artigos que abordavam a temática delimitada; II) disponibilizados gratuitamente e no formato eletrônico; III) recorte temporal entre 2017 e 2022; IV) publicados na língua portuguesa e inglesa. Após a etapa de busca, iniciou-se a

leitura dos estudos e delimitação dos trabalhos relevantes para a escrita da revisão literária.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O anticoncepcional oral, no Brasil, corresponde a 79% das escolhas das mulheres para prevenir uma gestação que não faz parte de seu planejamento familiar, haja vista sua alta eficácia, quando utilizado corretamente, baixo custo e distribuição gratuita pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (RIBEIRO et al, 2018).

Os anticoncepcionais estão relacionados tanto a benefícios, quanto malefícios. Além de regularizar o ciclo menstrual feminino, o contraceptivo hormonal também está associado à prevenção do câncer de ovário e de diversas outras doenças e complicações, a exemplo da doença inflamatória pélvica, da endometriose, da gravidez ectópica e de cistos ovarianos. Contudo, o risco de efeitos indesejados, especificamente as patologias cardiovasculares, como a trombose, aumentam devido à exposição hormonal concentrada no método contraceptivo e seus efeitos (FERREIRA et al, 2019).

A escolha do método contraceptivo e do anticoncepcional depende de uma avaliação individualizada de cada paciente com base no histórico familiar e clínico da mulher (CORRÊA et al, 2017). Em algumas condições, os contraceptivos orais são contra indicados, como em casos de tabagismo, hipertensão arterial sistêmica, patologias mamárias ou endometriais, diabetes, obesidade, histórico de acidentes tromboembólicos, alcoolismo, hiperlipidemia e comprometimento da função hepática (FERREIRA et al, 2019).

O anticoncepcional oral combinado é composto por estrogênio e progesterona, ambos produzidos pelos ovários e reguladores dos hormônios gonadotróficos hipofisários folículo estimulante (FSH) e luteinizante (LH). O estrogênio inibe o FSH e impede sua função principal de desenvolver e maturar o folículo dominante. Já a progesterona inibe o LH e causa atrofia do endométrio, o que impede a nidação e a liberação do hormônio liberador de gonadotrofina (GnRH) (SILVA et al, 2017).

A trombose é a contraparte patológica da hemostasia, em que ocorre a formação de coágulo sanguíneo (trombo) dentro dos vasos sanguíneos. Sob condições anormais, qualquer perturbação do equilíbrio dinâmico dos efeitos protrombóticos do endotélio pode influenciar localmente a coagulação. Assim, o endotélio disfuncional elabora maiores quantidades de pró-coagulantes e sintetiza menores quantidades de anticoagulantes e isso pode ser induzido por lesão endotelial, fluxo sanguíneo turbulento e hipercoagulabilidade (KUMAR et al, 2018).

O risco de trombose venosa varia com a dose de estrógeno e progesterona. A “nova geração” incluindo o desogrestrel, gestodeno e drospirenona em contraceptivos orais combinados (COC) podem apresentar maior risco trombótico do que o estrogênio combinado com estrógeno da geração mais antiga (SKOUBY et al, 2018). Embora os produtos que apresentam apenas progesterona não estejam relacionados com o risco de trombose, sua associação nos contraceptivos combinados à presença de progesterona afeta o risco (LAVASSEUR et al, 2022; JANG et al, 2021).

Os riscos aumentados da utilização de COC da nova geração podem ser explicados a partir dos seus mecanismos na alteração dos fatores de coagulação, uma vez que o aumento dos níveis da proteína protrombina ou fator II e do fator VII, e a diminuição do fator V são mais pronunciados quando se utilizam COCs de 3ª ou 4ª geração (JANG et al, 2021). Além disso, alterações nos fatores

de coagulação intrínsecos da cascata de coagulação como o fator VII dependem tanto do componente estrogênio quanto do progestogênio do contraceptivo oral (PIRÓG et al, 2019).

Alterações nas variáveis fibrinolíticas ainda não estão necessariamente explícitas. Os níveis de plasminogênio tecidual são aumentados e os níveis do inibidor do ativador de plasminogênio (PAI) reduzidos pelos COCs, o que traz um impacto na fibrinólise. No entanto, níveis mais altos de inibidor da fibrinólise ativável por trombina (TAFI) em mulheres que tomam COCs parecem equilibrar os efeitos anticoagulantes (TEKLE et al, 2022).

CONCLUSÃO

Desse modo, diante do exposto, conclui-se que, embora o contraceptivo oral seja um método altamente eficaz e uma das principais escolhas femininas para prevenção de gestações indesejadas, o seu uso expõe as mulheres a riscos diversos, principalmente associados ao sistema cardiovascular, dando oportunidade para o desenvolvimento de patologias. Com efeitos pró-coagulantes aumentados, anticoagulantes reduzidos e fibrinólise duvidosa, os contraceptivos orais têm um impacto pró-trombótico líquido.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da saúde. **Trombose**. Biblioteca virtual em saúde. (2019)

FERREIRA, Laura Fernandes. et al. O uso da pílula anticoncepcional e as alterações das principais vias metabólicas. **Editora Femina**, Volume 47. Pág 426-32. 2019.

POMPERMAIER, Charlene; ZANELLA, Gabriela Zmieski; PALUDO, Edineia. Efeitos colaterais do uso dos contraceptivos hormonais orais: uma revisão integrativa. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Xanxerê**, v. 6, p. e27975-e27975, 2021.

OLIVEIRA, Fabrícia Gabriele França de; MENEZES, Jennifer Chrisler de. **Uso de contraceptivos orais e sua influência no desenvolvimento de trombose venosa profunda: uma revisão de literatura**. 2021.

LIMA, Adman Câmara Soares. et al. A Influência de anticoncepcionais hormonais e ocorrência de acidente vascular cerebral: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Vol. 70. Brasília, 2017.

RIBEIRO, Cristiane Crisp Martins, et al. Efeitos de diferentes anticoncepcionais hormonais nos valores de pressão arterial da mulher. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Vol. 71. Brasília, 2018

CORREA, DAD; et al. Factors associated with the contraindicated use of oral contraceptives in Brazil. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, n. 1, 2017.

SILVA, NCS; et al. Interações medicamentosas com contraceptivos hormonais orais. **Única Cadernos Acadêmicos**, v. 3, n. 3, 2017. Disponível em: <http://co.unicaen.com.br:89/periodicos/index.php/UNICA/article/view/57/51>

Skouby SO, Sidelmann JJ. Impact of progestogens on hemostasis. **Horm Mol Biol Clin Investig**. 2018 Nov 17;37(2). doi: 10.1515/hmbci-2018-0041. PMID: 30447140.

LaVasseur C, Neukam S, Kartika T, Samuelson Bannow B, Shatzel J, DeLoughery TG. Hormonal therapies and venous thrombosis: Considerations for prevention and management. **Res Pract Thromb Haemost**. 2022 Aug 23;6(6):e12763. doi: 10.1002/rth2.12763. PMID: 36032216; PMCID: PMC9399360.

Jang YS, Lee ES, Kim YK. Venous thromboembolism associated with combined oral contraceptive use: a single-institution experience. **Obstet Gynecol Sci**. 2021 Jul;64(4):337-344. doi: 10.5468/ogs.20374. Epub 2021 Apr 1. PMID: 33794564; PMCID: PMC8290149.

Piróg M, Piwowarczyk S, Undas A. Plasma Fibrin Clot Properties Are Unfavorably Altered in Women following Venous Thromboembolism Associated with Combined Hormonal Contraception. **Dis Markers**. 2019 Nov 18;2019:4923535. doi: 10.1155/2019/4923535. PMID: 31827635; PMCID: PMC6885764.

Tekle E, Gelaw Y, Asrie F. Hematological Profile Changes Among Oral Contraceptive Users: A Narrative Review. **J Blood Med**. 2022 Sep 29;13:525-536. doi: 10.2147/JBM.S379841. PMID: 36199529; PMCID: PMC9528910.

KUMAR, V.; ABBAS, A. K.; ASTER, J. C. **Robbins Patologia Básica**, 10th edn Rio de Janeiro, RJ. 2018.